

## APRESENTAÇÃO: AUTONOMIA E ÉTICA NO TRABALHO EDUCACIONAL

A discussão acerca da autonomia e da ética no trabalho educacional é de vital importância para a educação brasileira. Numa época em que os módulos enlatados substituem os livros didáticos e as redes escolares buscam a criação de um perfil que possibilite que suas unidades de ensino tenham a mesma aparência, usem a mesma linguagem e sigam rigorosamente os mesmos currículos, elas acabam todas cometendo os mesmos equívocos. Pode-se parafrasear, acerca do Brasil, o que Alfred North Whitehead (1861-1947) disse, há muito tempo, sobre a Inglaterra: a educação brasileira carece de objetivos mais nobres e definidos – ainda não decidimos se queremos produzir peritos ou amadores, pessoas cultas ou meramente informadas. No entanto, a transformação ocorrida nos últimos séculos e o advento da pós-modernidade, ambos sugerem que a multiplicação do conhecimento nos concedeu a capacidade de prever o futuro imediato. O amador é, em sua essência, um homem com grande apreciação pela rotina e com imensa versatilidade no seu uso. Ele tem falta, contudo, dessa capacidade de prever que advém do conhecimento especializado. Infelizmente, nosso sistema educacional é, tanto no segundo grau quanto no nível superior, rígido onde deveria ser flexível, e flexível onde deveria ser rígido. Uma escola está fadada à extinção, se seu único objetivo é preparar o aluno para ser aprovado em um teste, ainda que esse teste seja o vestibular. Em um sistema assim, muito pouca autonomia é concedida ao educador. Dessa forma, se desperdiçam as oportunidades criadas pela própria escola, por seus professores, por seu ambiente, por suas virtudes. A educação voltada para um único teste é um desperdício de tempo e talentos.

O surgimento do ENEM e do ENADE representa certo progresso, uma vez que avaliam mais as instituições de ensino do que o aluno. Por outro lado, ainda carecemos de livros-textos compatíveis com as exigências do ensino superior. Quando um livro-texto de inequívoco valor educacional aparece no mercado editorial, as vozes se unem para recriminar seu grau de dificuldade. Claro que os livros educativos são difíceis! Se fossem fáceis, deveriam ser queimados, pois na educação, como na vida, o caminho mais fácil conduz à perdição. Infelizmente, no entanto, os educadores que vão para a sala de aula a fim de trilhar, com os alunos, os caminhos propostos pelo livro-texto nem sempre têm a prerrogativa de escolhê-lo. Essa é uma das muitas dimensões em que autonomia e ética se entrecruzam no ambiente educativo. E o que dizer das longas jornadas de trabalho de educadores às voltas com classes em que há um número excessivo de alunos? Que tipo de autonomia educacional há nessas circunstâncias? O contato entre ética e autonomia é o objeto de estudo deste número da Revista **Formadores**: vivências e estudos. Trata-se

de um esforço de análise das dificuldades éticas e trabalhistas enfrentadas por docentes comprometidos com a educação em qualquer que seja o seu nível.

André Gustavo de Araújo Barbosa propõe, em seu artigo intitulado “A educação transdisciplinar e a reinvenção dos modelos de gestão das organizações empresariais”, que as alterações dialógicas sugeridas pelos estudiosos da física quântica contribuirão para a suplantação do paradigma educacional vigente em favor de um paradigma transdisciplinar que produzirá relações econômicas menos injustas e uma utilização mais sustentável dos recursos planetários. A sua é uma perspectiva otimista segundo a qual muitas das dificuldades da educação podem ser solucionadas eticamente por meio da proposta de modelos administrativos mais justos e eficientes.

Em uma linha semelhante, mas de um ponto de vista mais empresarial, Enoque Barbosa dos Santos trata da “Ética e responsabilidade social empresarial como fatores de desenvolvimento humano”. Sua opinião é que a ética e a responsabilidade social não são meras opções para as empresas de nossa época. A partir de uma análise do caráter histórico da moral, suas origens e a estrutura de seus atos, o autor propõe que a preocupação ética pode ser a salvação do capitalismo como sistema econômico.

Três fisioterapeutas (Paula Montagna, Edson Barbosa de Oliveira e Cláudio Silva Souza) e um profissional da área de engenharia da produção (Jean Magno do Ouro) se encontraram para tratar das “Condições de trabalho e indicativos de estresse ocupacional em docentes do ensino superior”. Segundo eles, o estresse ocupacional pode comprometer drasticamente a autonomia do docente do ensino superior. Por essa razão, eles propõem os cuidados necessários para se atenuar essa limitação.

Anselmo Alves Bandeira e Alberto Manoel Sarkis de Oliveira fazem um estudo analítico sobre a “Qualidade de vida no trabalho: compromisso ético das organizações na gestão de pessoas”. Eles discutem aspectos relacionados à Qualidade de Vida no Trabalho (QVT), enfocando as suas variáveis, os aspectos éticos e a gestão de pessoas. Seus objetivos são estabelecer os parâmetros éticos que devem nortear a relação entre as organizações e as pessoas e focar os aspectos relacionados à gestão dos seres e à promoção da Qualidade de Vida no Trabalho.

Oswaldo Elias Farah, Antônio Carlos Giuliani e Fábio Bérnago abordam a questão da “Lealdade no contexto do mercado da educação superior”. Sua preocupação é a autonomia da perspectiva da instituição de ensino superior, especialmente em sua dimensão financeira. Com a expansão do ensino superior no Brasil e o aparecimento de um mercado competitivo, a evasão discente das instituições universitárias tem preocupado os gestores, afetando profundamente o desempenho e a sobrevivência das instituições. O marketing educacional traz a atuação relacional como alternativa de

combate a esse fenômeno, visando um relacionamento de longo prazo entre a organização e seus estudantes. Os autores apresentam, portanto, as bases teóricas do elemento lealdade, destaque no âmbito empresarial moderno em termos de manutenção do relacionamento com clientes, aplicando-o ao ambiente educacional superior. Os antecedentes da lealdade do estudante para com a instituição de ensino superior são apresentados e definidos, com implicações gerenciais que devem ser postas em prática nas universidades e faculdades que desejam aumentar seus índices de retenção estudantil.

Milton L. Torres, Cristiane Lima Santana e Giovana Venâncio Villela tratam da autonomia sob o ponto de vista de sua relação com a internalização de valores. O artigo “A autonomia da criança no processo de internalização de valores paternos” argumenta que a aquisição de autonomia por parte da criança desempenha um importante papel em sua internalização de valores. O fato de Freud não ter feito referência explícita à autonomia da criança enquanto descrevia esse processo é considerado pelos autores como uma falha axiológica de sua teoria de internalização de valores. Para demonstrar isso, os pesquisadores observaram e entrevistaram 23 crianças da primeira série fundamental de uma escola particular com o propósito de verificar que valores escolheriam ao se depararem com situações hipotéticas que ameaçariam valores presumivelmente derivados de seus pais.

Em seu relato de experiência intitulado “O controle social da pesquisa em seres humanos: a experiência de um Comitê de Ética em Pesquisa no Recôncavo Baiano”, Wellington dos Santos Silva apresenta a história da implantação e operacionalização do Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade Adventista da Bahia, apresentando, além disso, um breve histórico das preocupações éticas em relação às pesquisas envolvendo seres humanos no Brasil.

Finalmente, Vanderlei Dorneles apresenta um relato a partir de uma entrevista: “Entre a vida e a morte: o relato de uma experiência de vida e a formação de valores”. Trata-se de uma história de vida que se constituiu numa fonte de valores para o entrevistado, a partir dos quais reavaliou seu sistema de prioridades, sua relação com a família, com a comunidade e mesmo com Deus. A morte do filho e a experiência de coma, após um terrível acidente, tornaram-se objeto de significações filosóficas que dizem respeito à condição humana e podem assumir um lugar no mundo dos valores. Essa experiência é considerada à luz dos conceitos de modernidade, memória social, valor e história, como vistos em Agnes Heller, Walter Benjamin, Hannah Arendt e Marshall Berman.

Nosso principal objetivo é o de, com este número da Revista **Formadores**:

vivências e estudos, continuar o diálogo aberto desde os números anteriores, com educadores, estudantes e público interessado na educação a fim de promover formação e reflexão quanto à busca do bem-estar coletivo por meio da valorização da cultura do homem.